

RELATO DE EXPERIÊNCIA DO LABORATÓRIO DE TAXIDERMIA DO MUSEU DE CIÊNCIAS NATURAIS CARLOS RITTER

DANIEL DIAS QUADRO¹; MAURO MASCARENHAS²; LUCCA LILLES GALVÃO MACHADO³; LISIANE GASTAL PEREIRA⁴; LEAN D'OLIVEIRA GONÇALVES PINTO⁵; FELIPE DIEHL⁶

¹Universidade Federal de Pelotas – danieldias17063@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – mauro.b.mascarenhas@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – lucca.ufpel@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – lisi.gastal@gmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas – leandoliveira05@gmail.com

⁶Universidade Federal de Pelotas – felipedhl@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A taxidermia consiste na técnica que visa a manutenção de espécimes de animais vertebrados, mantendo a pele, pelos, penas, escamas e demais estruturas exteriores (LOPES et al; GOMES, 2024), mas com a retirada das vísceras e a maior parte da musculatura e esqueleto.

A taxidermia pode ter diferentes objetivos que vão desde conservação de espécies em acervos visando futuros estudos, atendendo critérios científicos, como faz a taxidermia científica ou, como na taxidermia artística, onde existe o objetivo de que a peça pareça com a animal na natureza (LIMA, 2022).

O Museu de Ciências Naturais Carlos Ritter (MCNCR) é um órgão vinculado ao Instituto de Biologia da Universidade Federal de Pelotas (UFPeL) que comporta o Laboratório de Taxidermia (LaTax), onde são preparadas principalmente aves com a técnica de taxidermia artística, através de técnicos e discentes do curso de Ciências Biológicas, cujo o objetivo principal é auxiliar didaticamente na compreensão do público visitante, sobretudo de pessoas cegas ou com baixa visão, visto que é permitido o toque físico nas peças pelos mesmos.

A taxidermia é feita com animais preservados em refrigeração advindos do Núcleo de Reabilitação de Fauna Silvestre (NURFS)¹, sendo que a técnica exata pode variar de acordo com a espécie taxidermizada, bem como o estado de conservação do cadáver e das penas, presença ou ausência de ferimentos como fratura de ossos e dilaceração da pele ou, também, conforme o tamanho do animal.

Dentro do projeto de extensão “Laboratório de Taxidermia: Museu de Ciências Naturais Carlos Ritter” existe uma ação de divulgação científica que tem como objetivo promover a educação ambiental e realizar exposições itinerantes em escolas e comunidades em vulnerabilidade social, possibilitando maior democratização do conhecimento acadêmico para o público em geral, sobretudo às pessoas que não tem acesso ao prédio do museu, localizado no Casarão 1, no entorno da Praça Coronel Pedro Osório; seja por falta de translocação adequada ou disponibilidade de horário compatível com a abertura para visitação do público, que ocorre às tardes, de segunda a sábado.

2. METODOLOGIA

¹ O NURFS é órgão suplementar do Instituto de Biologia da UFPeL responsável pelo resgate e tratamento de animais silvestres debilitados.

Todo o processo de taxidermia é feito com os devidos Equipamentos de Proteção Individual (EPI), tais como jaleco e luvas de borracha.

Após a escolha da ave a ser taxidermizada, a mesma é colocada em descongelamento em temperatura ambiente ou com o auxílio de um secador de cabelos ou estufa. Com a ave já descongelada, é recomendado banhar a ave com água e detergente a fim de higienizar e retirar possíveis impurezas como insetos, ectoparasitas e sangue seco (MAYNARD, 1883).

Após a higienização adequada, a ave é novamente secada e é feita a primeira incisão com bisturi que vai desde o osso do esterno quilhado da ave até o abdômen, priorizando não romper a cavidade abdominal (caso seja rompido, é possível que haja derramamento de dejetos contidos no trato gastrointestinal; para isso é recomendado um nó com barbante na cloaca). Ainda com a ajuda do bisturi, a pele é separada de toda a musculatura do tronco, com a lâmina oposta à pele até que o corpo seja solto tanto do lado direito quanto do esquerdo (pode ser utilizado um barbante para separar a região dorsal). A próxima etapa é a desarticulação entre o fêmur e o tibiotarso, nas patas, e entre o úmero e a cintura escapular, nas asas; ambas com a ajuda de uma tesoura de tamanho compatível com o indivíduo.

O pescoço é a última parte a ser separada da pele, com a mesma sendo virada do avesso com cuidado para evitar que rasgue (em algumas aves como periquitos, marrecas e martim-pescadores, que apresentam um crânio proporcionalmente maior em relação ao corpo, é possível fazer uma segunda incisão com bisturi na nuca pra facilitar a remoção da pele). A pele é retirada até a região do bico, deixando exposto os olhos e ouvidos. A última etapa de remoção é a dos olhos, cuja a órbita é preenchida com massa de biscoito e são colocados olhos artificiais; e do cérebro, que é removido após maceração com um palito pelo forame magno e os resíduos que sobram são retirados com uma seringa com água.

O corpo (tronco e região cervical) é usado como base para o molde feito de isopor, que após finalizado é atravessado por arames que passam por dentro dos ossos longos (tibiotarso, tarsometatarso e úmero) do esqueleto apendicular a fim de sustentar o corpo da ave. O sal bórax é usado para desidratar a pele e evitar proliferação de microorganismos.

Posteriormente, a pele do ventre é costurada com o molde e os arames no interior devidamente posicionados. É possível dar um segundo banho com a peça semi-pronta para garantir que a plumagem fique macia e vistosa, como também aplicar formol em áreas de difícil acesso como pés, dedos e mãos e por último estabelecer a pose final da peça.

A ave deve ficar firme em algum suporte de uma semana à um mês, a depender do tamanho, para que se estabilize.

Após finalizadas, as peças são armazenadas na Reserva Técnica do MCNCR e podem ser disponibilizadas para serem demonstradas e tocadas em mediações dentro do museu, ou serem embaladas e transportadas até as sedes dos locais em que ocorrem as exposições itinerantes. A mediação em eventos difere da habitual em que existe um roteiro, pois varia de acordo com os animais que são apresentados, sendo pautada principalmente em curiosidades, retirada de dúvidas e assuntos trazidos pelos visitantes. Geralmente, cada estagiário e/ou técnico fica responsável pela apresentação de uma parte do acervo, com rotatividade ao longo do tempo de evento, a fim de que todos interajam com o máximo de peças expostas.

3. RELATOS E IMPACTOS GERADOS

Até o mês de Agosto, foram feitas cerca de 30 peças por diferentes estudantes do curso de Ciências Biológicas, sendo todas elas aves como garças, periquitos, falcões, marrecas, beija-flores e diversas espécies de passarinhos como um casal de chupins e um joão-de-barro. O resultado final difere de peça para peça, variando de acordo com o estado inicial do indivíduo no momento da chegada ao museu.

As peças com mais qualidade costumam ser usadas em eventos como a Semana dos Museus, a Semana do Patrimônio, a Semana do Meio Ambiente, o Dia do Biólogo, a Feira Nacional do Doce (Fenadoce) e exposições itinerantes em escolas de Pelotas e região. O público se mostra interessado, interagindo com perguntas com diferentes níveis de complexidade, geralmente complementando as explicações com experiências próprias, sendo comum comentários, sobretudo de crianças, demonstrando interesse em seguir carreira acadêmica como profissionais de Biologia, História, entre outros.

4. CONSIDERAÇÕES

Diante das atividades propostas ao público, é perceptível a importância de um acervo que saia das dependências da universidade e chegue até comunidades que nem sempre tem pleno acesso ao museu e suas ações de educação ambiental e divulgação científica, sendo indispensável, nesse contexto, a confecção de animais taxidermizados com o intuito de gerar discussão de temas científicos, preservação ambiental, trocas de experiências entre discentes e o público, além de democratizar o acesso às coleções do MCNCR e o conhecimento acerca da fauna local.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GOMES, I. D. **Taxidermia e educação ambiental: uma proposta sul catarinense para a conservação da biodiversidade**. 2024. Mestrado - PPG Biologia, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos).

LIMA, I. C. **Técnicas aprimoradas de taxidermia para preservação de olhos, pigóstilo e asas de aves para coleções científicas**. 2022. Monografia - Curso de Biologia, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab).

LOPES, G. et al. Desafios da taxidermia. **Revista de Odontologia da UNESP**, Araraquara, v. 53, p. 19, 2024.14

MAYNARD, C. J. **Manual of Taxidermy**. Boston: S. E. Cassino & Company, 1883. 111p.